

A Geladeira

A ontologia da violência na periferia

Muitos estudiosos têm pesquisado as raízes sociais, econômicas, e políticas da violência nas comunidades periféricas das grandes urbes na América Latina, estudos que, em alguns casos – o de Medellín, por exemplo – ajudaram a reduzir a violência. Aqui, quero abordar o problema desde outra ótica. Para procurar soluções para a violência nos bairros excluídos, é certo que temos que fazer justiça e procurar a participação e cidadania de todas as pessoas, mas também temos a responsabilidade de procurar as condições que permitam relações humanas entre as pessoas que moram em estas comunidades, e entre eles e os moradores do "asfalto", como os favelados falam. A categoria filosófica da mediação é fundamental para esta busca.

A palavra "mediação" tem um uso específico nos contextos sociais: entende-se como um jeito de resolver os conflitos sem violência, e este artigo surge da experiência de trabalhar com os mediadores do Centro de Mediação de Conflitos, movimento social em Medellín, Colômbia, que ajudou a criar e fortalecer a paz que agora esta se arraigando na cidade. Porém, as conversas com eles me ensinaram que a mediação é realmente uma questão ontológica. Mediação não é só a promoção de uma conversa entre duas partes que estavam em conflito, *mas uma ponte que vai entre duas pessoas, entre passado e futuro, entre desejo e realização, entre Deus e o ser humano...* O trabalho do mediador, segundo eles, é o trabalho do filósofo prático, tentando lidar com a diferença

entre o "um" e os "muitos", o problema que tem preocupado os pensadores do Ocidente desde Parmênides e Platão.

Porém, não trata-se aqui de um artigo filosófico, e menos ainda um tratado sobre a ontologia. O que quero é usar uma ferramentas desenvolvidas durante milênios para pensar a questão do "ser", para imaginar novas estratégias para fazer paz nos bairros violentos. Em várias outras escritas¹, mostrei como a violência surge da falta de mediação com o outro ou com o desejo. Aqui, quero enfrentar o problema diretamente.

Iconoclasmo

A primeira pergunta que quero fazer aqui parece não ter nada que ver com a violência nas comunidades periféricas em América Latina: Por que será que o Deus dos Israelitas proibiu imagens da divindade? Nas outras religiões do Meio Oriente, o ícone era parte essencial e central do culto; os deuses estavam no templo através das suas imagens, assim que seria impossível imaginar a religião sem o ídolo no seu centro. Em contraste, os mandamentos criam uma religião sem ídolos, e o primeiro ato de Moisés depois de descer de Monte Sinai é condenar Aarão e o povo por adorar o bezerro dourado.

O filósofo esloveno Slavoj Žižek sugere uma fascinante interpretação deste mandamento. Segundo ele, o iconoclasmo é parte fundamental de uma nova religião que quer promover a justiça quotidiana entre as pessoas.

“O mandamento Judio que proíbe as imagens de Deus é o obverso do princípio que a relação com o vizinho é o *único* campo da prática religiosa, o lugar onde a dimensão

¹ Rua da Agonia, Estado da Violência, Edipo na Rua; todos disponíveis nos “Artigos para entender a rua de www.shinealight.org

divina é presente em nossas vidas.”²

Segundo esta interpretação, adorar a Deus – seja em forma de ídolo ou diretamente – é um *desvio* do princípio fundamental da religião: tratar o vizinho com justiça e amor.

Quando Deus retira-se do templo, o ser humano tem só uma opção para poder praticar a sua religião: "O que é que o Senhor exige de você, além de fazer justiça, amar o outro, e caminhar humildemente com seu Deus?"³ Deste jeito, aquilo que pareceria ser um paradoxo, não o é: a *ausência* de Deus promove a justiça porque Deus recusa aparecer sozinho. Só estará com o crente quando trata ao outro com amor e justiça.

Esta reflexão parece nos distrair da questão de como a mediação minimiza a violência, mas na realidade, é um passo fundamental para entender tanto o problema da violência quanto a solução que vai se construindo em Medellín. O problema é que na tradição do ⁴Ocidente, a Lei de Deus aparece como a *garantia da relação* ética entre uma pessoa e outra: eu não roubo e não mato ao vizinho por que Deus o proíbe e porque vou merecer o Céu por ter obedecido. Zizek desafia esta idéia na sua interpretação radical da Bíblia Hebreu, dizendo que esta "mediação" é realmente a barreira à mediação. Se só faço o bem para obedecer a Deus, não tenho uma relação verdadeira com o vizinho como pessoa. É a *ausência* de Deus que me força a encontrar o outro, lhe reconhecer, e aprender dele.

Um processo parecido acontece no bairro de Moravia, Medellín, onde o Centro de Mediação de Conflitos começou o seu trabalho. Na Colômbia, igual como em cada

² Zizek, Slavoj. "Neighbors and Other Monsters." in Zizek, Santner, and Reinhard, *The Neighbor*. Chicago: U Chicago Press, 2005. p. 141

³ Micah 6:8

civilização humana, têm muitas instituições culturais, tradicionais, ou estaduais que regulam a vida comunitária. Numa aldeia no campo, um patrão regula as relações de produção, empregando ou escravizando os camponeses em câmbio de dinheiro ou outros benefícios. A família controla os/as adolescentes para que não entrem cedo na violência ou a sexualidade. Expressões culturais como a música, dança, e artes plásticas funcionam para manter o tecido social. O Estado – jamais forte na Colômbia – entra para fornecer alguns serviços ou para proteger/explorar a comunidade no meio da guerra. Todos são fatores que regulam o comportamento da comunidade e mantêm a paz.

O crise de deslocamento que começou na Colômbia com "A Violência" de 1948 e segue até hoje, mudou este tecido de regulação social. Uma sociedade fundamentada na terra e nas aldeias pequenas transformou-se em um país sumamente urbano, onde os camponeses deslocados moram nas favelas de Bogotá, Medellín, Cali, Cartagena, Barranquilla, e outras cidades grandes. Estas favelas (chamadas de "*comunas*", "*altos*", ou "*colonias*") são construções autônomas, quase sempre contra a vontade do Estado. Como me disse orgulhosamente uma líder comunitária na Moravia, "Do Estado houve indiferença total. O que a gente tem aqui foi do esforço de cada um dos habitantes do bairro."⁵ Igual como nas famosas favelas brasileiras, esta falta do Estado – e outras formas tradicionais da regulação social – forçou o povo a ser protagonista. O problema é que também abriu a porta para uma violência sem freios.

A comunidades periféricas, feitas por pessoas deslocadas das suas terras de origem,

⁵ Entrevista com Mari Rojas, 11 Novembro, 2005

perderam a regulação tradicional fornecida pelo patrão, o padre, e a família forte. Segundo os historiadores da modernidade, esta perda vem em troca por uma nova instituição, o Estado, que vai regular a sociedade de forma mais eficiência e racional... mas nas favelas colombianas – igual como nas comunidades informais em todas partes do continente – o Estado ignorou a sua responsabilidade. Os poderosos na favela aproveitaram para explorar ou excluir aos mais fracos. Os jovens usaram a sua força física e armada para formar gangues. E os conflitos pequenos sobre terra, moradia ou aluguel, achavam a sua solução na violência. Chegamos perto ao que vários comentaristas chamaram de "Hobbes no trópicos", pelo violento "estado da natureza" que produziu-se lá.

Por um tempo, os moradores de Moravia, como os de outras comunidades em guerra em Medellín, pediam ajuda ao Estado ou à solidariedade internacional, mas as respostas institucionais não chegaram ou não prestaram. Por um tempo, um grande ator armado – os narcotraficantes organizados por Pablo Escobar, as milícias, a guerrilha, os paramilitares – pôde instalar a paz na comunidade, mas era um paz frágil, e sempre quebrou depois de poucos anos.⁶ Se voltamos a usar o pensamento de Hobbes, o povo procurava o Leviatã, mas o Leviatã era incapaz de regular a comunidade.

Pensando nos termos da Lei Hebreu, Moravia encontrou-se no momento quando Deus vai embora do Templo, quando já não é possível procurar o poder divino ou onipotente. Poderia parecer o fim da esperança, mas para Moravia não era. Na realidade, a morte do Outro que ia lhes salvar é o que possibilitou a salvação da comunidade. Quando

⁶ Veja: Legitimidade na Favela nos "Artigos para entender a rua" de www.shinealight.org

aprendeu que nem o Estado nem os grupos armados nem a comunidade internacional iam vir ao seu resgate, o povo de Moravia começou a construir a sua própria história.

O Centro de Mediação de Conflitos

Os grupos armados que controlavam Moravia tinham ganhado grande parte da sua legitimidade resolvendo os conflitos dentro do bairro. Quando houve um problema entre dois vizinhos – uma questão de dívidas ou de território, por exemplo – os dois vizinhos foram para algum dos "*muchachos*" (os jovens armados) para pedir uma solução. A questão importante aqui não é só que a "solução" era autoritária e violenta, mas que no mero fato de eu procurar o jovem armado para pedir uma solução, eu reconheço a sua autoridade. Ele ganha poder quando eu peço algo dele.

Sabendo deste problema, um grupo de jovens não armados, junto com Hernando Roldán, um advogado com muita experiência em negociação, criaram o Centro de Mediação de Conflitos. Durante essa época, foi a milícia que exercitou a função do Estado em Moravia, defendendo a comunidade e pretendendo impor a justiça às gangues; a milícia era um grupo militar com um discurso de apoio à comunidade, e tomou este discurso em sério. Como parte da negociação entre a milícia e a cidade (coordenada por Hernando Roldán), a comunidade obteve um resultado muito importante: a milícia decidiu não resolver os conflitos entre vizinhos. Quando pessoas chegassem a eles com problemas, a milícia iria canalizar o assunto ao Centro de

Mediação.

Dentro de pouco tempo, esta negociação formou a base da paz em Moravia. Entre 1989-1994 era comum mais que 20 mortes violentos por semana num bairro de 10 -15,000 habitantes, mas em 2005, quase não tinha assassinato na comunidade. A questão fundamental é o por quê.

Como analisei em outro lugar⁷ era essencial que a comunidade deixasse de ver o grupo armado como legítimo. Os grupos armados dependem da boa vontade da comunidade, como insiste um Pastor Evangélico em Santander, outro bairro de Medellín que acaba de sair da guerra: "É o povo que legitima o ator armado, porque reconhece o seu poder. Mas quando o povo decide tomar o poder para si mesmo, o ator armado não pode fazer nada".⁸ Com a dissolução da legitimidade do grupo armado, cada pessoa na comunidade tinha que se encarregar pessoalmente de cruzar a ponte entre onde ela estava e o que ela queria. Sem o Estado, a tradição, ou o grupo armado como salvador, eles tinham que procurar a sua própria mediação.

É por isso que eu disse ao começo desde artigo que não podemos entender a mediação como uma atividade onde as duas partes em conflito sentam-se numa mesa e, com a apoio de um mediador, resolvem o seu conflito. A mediação é fundamentalmente uma questão ontológica, a necessidade de enfrentar o fato de que o mundo não é exatamente o que queremos. Desta maneira, a conversa entre um dono da propriedade e o inquilino é uma mediação, porque a conversa serve para construir um ponte entre o

⁷ "Legitimidade na Favela"

⁸ Entrevista com Juan Polanco, 27 Outubro, 2005

desejo do dono (seu dinheiro em aluguel) e o desejo do morador (de não perder a casa, de poder ter dinheiro para outros usos). Mas também é mediação a cantada que um adolescente dá a uma garota; também é mediação os passos que eu tomo para conseguir o futuro que eu quero. E também, temos que reconhecer, a violência é uma mediação, porque funciona como ponte entre o eu e o outro, entre o meu desejo e a sua realização.

Os que trabalham com crianças desde uma perspectiva psicanalítica vêm como as pessoas desenvolvem a capacidade da mediação na infância. Um bebê deseja tudo, e por um tempo, os seus pais tentam realizar tantos desejos quanto possível, mas depois de um tempo, o bebê/criança tem que realizar os seu próprios desejos. Quer comer, assim que procura uma banana ou um chocolate; a mãe proíbe chocolate, assim ele aprende pedir com "por favor". Quer dormir, assim deita no chão; não é confortável ou pessoas pisam nele, assim aprende caminhar até a cama. A criança aprende que o seu desejo e a condição do mundo não são iguais, e que ela tem que se esforçar para poder ganhar o que ela quer.⁹ São processos quotidianos para todos os pais, mas não podemos esquecer da sua importância.

Um adulto ou uma comunidade tem que passar pelo mesmo processo. Igual como no caso da criança, o mais fácil é pedir que o outro faça o que eu desejo. Moravia quiz canos para que o esgoto não escorresse pelas ruas; assim, primeiro pediu à prefeitura. Queria um escape da violência quotidiana das gangues, assim que acatou a proposta da milícia de "limpar" o bairro. Mas sempre a mediação com o desejo ficou nas mãos dos outros, só alimentando as dinâmicas de violência e passividade.

⁹ Para uma reflexão mais profunda sobre este tema, veja as entrevistas com Teresa de Kakisu no CD-ROM "Mi Dolor se hace Murgancia" (Shine a Light, 2005)

A mudança aconteceu quando a comunidade tomou responsabilidade pela construção da ponte que ia de onde estavam até onde queriam estar. O Centro de Mediação de Conflitos era o semente deste processo, não tanto porque os mediadores resolviam os conflitos de maneira não violenta, mas porque ensinaram aos moradores que eles são capazes de agir para conseguir o seu desejo, seja num conflito de aluguel ou para negociar a paz com as gangues.

No Brasil, o modelo da "pedagogia do desejo", criado pelo Projeto Axé (Salvador de Bahia), agora é reconhecido como umas das inovações mais importantes no trabalho com crianças e adolescentes excluídos. Na infância, todos temos o impulso – por comida, amor, prazer, etc. – mas este impulso sempre fica longe do seu objeto, porque uma pessoa tem que aprender a ganhar o objeto através da ação. Para o indivíduo, o desejo é o primeiro passo para mediar entre o impulso e a sua satisfação. Por isso, a pedagogia do desejo não ensina a querer coisas (isso a natureza e a propaganda já fazem muito bem!), senão, ensina como construir uma ponte entre o que eu sou e o que eu quero ser.

O Projeto Axé aproveita do psicanálise complicadíssima de Jacques Lacan, mas a sua prática é maravilhosamente simples: através da música, dos tambores, do canto, e da dança, a criança aprende o desejo e como o seu corpo e mente e a arte podem atuar para mediar entre o eu e o mundo. Se pensamos o trabalho do Centro de Mediação de Conflitos como uma pedagogia comunitária do desejo, podemos ver processos semelhantes.

"La Bombonera"

O Centro de Mediação promoveu o encontro não violento entre partes em conflito, o que era muito importante para subverter o clima de guerra que dominou o bairro, mas o seu trabalho não limitou-se à mesa e à conversa. A mediação é um processo muito mais amplo, e o Centro apoiou a criação de vários espaços sociais onde cada pessoa pudesse aprender a mediar com o mundo. O mais importante destes espaços era um campo de futebol informal, "La Bombonera".

Ao fim dos anos 1980 e durante os anos 90, quando a guerra em Moravia era tão feroz que três ou quatro pessoas morriam cada dia, uma vala ao lado da Rua 55 serviu como cemitério informal, onde os assassinos jogavam os corpos das suas vítimas (em outros bairros da cidade, os matadores colocaram as cadáveres nos ônibus públicos para as enviar à polícia no centro da cidade, mas as gangues de Moravia não acataram esta técnica). Em 1994, com as negociações de paz, esta vala foi pavimentada para ser uma rua, mas como era um espaço estranho, mais largo que uma rua, as pessoas começaram a jogar futebol no asfalto novo. Não demorou muito tempo para preparar um torneio de micro-futebol, com caminhões estacionadas nas ruas para prevenir a entrada de carros. Ao fim do ano, quando a milícia entregou as suas armas numa cerimônia de paz, o rito aconteceu no campo de futebol.

Depois de pouco tempo, com típica ironia colombiana, o campo ganhou o nome da

"Bombonera" em homenagem ao estado de Boca Juniors em Buenos Aires.¹⁰ "La Bombonera é muito pequena," disse uma dos fundadores do Centro de Mediação, "mas para mim, é muito grande... Um lugar não é só um lugar e pronto, mas é todas as relações sociais que entretecem-se ali."¹¹ Os jovens dão o apelido "Coração de Moravia" ao campo, porque agora todo mundo faz fluxo por ali e o futebol funciona como uma bomba que tira o povo de suas casas e lança as pessoas a encontrarem-se. É um coração que mantém a circulação da comunidade, que põe as pessoas em relação.

Em 2005 ajudei os jovens do Centro de Mediação a fazer um pequeno documentário sobre a Bombonera, um projeto em defesa do espaço contra uma proposta municipal de reforma urbana. No processo, entrevistamos vários comerciantes locais, especialmente os patrocinadores das equipes nos torneios anuais. O açougue de Moravia dividiu a história do bairro em duas partes: antes da Bombonera, quando tinha "violência e anarquia", e depois da Bombonera, um tempo de paz. Este discurso – partilhado com muitos outros moradores do bairro – faz da Bombonera um ator social, um mediador de conflitos entre as pessoas e os grupos do bairro.

A história dos "Iguanos", o time que ganhou o campeonato de futebol em Moravia em 2005, mostra algo importante sobre o poder da Bombonera para ensinar a mediação. "Los Iguanos" é um grupo informal juvenil – uma "*parche*" como se diz na Colômbia – que tinha todas as características de uma gangue: junta-se na esquina para beber cerveja e fumar, para fazer cantadas agressivas às garotas, e para cantar rap, vallenato, e reggetón. Em 1989, este grupo de jovens vizinhos ia formar uma gangue para defender

¹⁰ Na Comuna 6, tem outro campo com o nome de "Maracanã."

¹¹ Marcela Vergara, *La Bombonera* no DVD "Sociedad Civil Contra la Violencia – Medellín". Shine a Light, 2006

seu território e para ganhar dinheiro e respeito; talvez iam se tornar sicários para Pablo Escobar. Em 1994 ou 1996, a milícia ia atacar esta gangue, no esforço de limpar o bairro. Mas em 2005, na época da Bombonera, esta galera transforma-se em um bom time de futebol. Na Bombonera recebem reconhecimento, defendem a reputação da sua esquina, e encontram um espaço para socialização.

Uma semana depois da vitória dos Iguanos no campeonato Moravia 2005, joguei num torneio de "veteranos" (jogadores com mais de 35 anos). Um dos jogadores do meu time tinha uma tatuagem de estilo carcerário com as palavras "Deus e Mãe". O capitão do time rival tinha sido o chefe dos milicianos. O organizador do torneio tinha sido um soldado em várias gangues e depois em várias autodefesas. Não é só que as galeras que iam ser gangues – como os Iguanos – passaram a ser times de futebol, mas também os mesmos ganguistas e milicianos se tornaram jogadores de futebol. La Bombonera é um espaço onde os jovens aprendem a mediar entre si e entre o que querem ser.

Quase sempre são os jovens que são os responsáveis (e vítimas) da maior parte da violência das guerras – tanto as guerras formais como as guerras nas favelas – assim, é importante notar como La Bombonera funcionou como espaço que ensinou-os a serem mediadores entre si e com o seu próprio desejo. La Bombonera também tinha uma função parecida para muitos outros grupos dentro do bairro: crianças e mulheres também jogam futebol lá. Sábado à noite, centenas de pessoas vão ao campo para assistir a partida, e ali encontram-se com velhos amigos e constroem novas amizades. Pais, mães, filhos e filhas vão juntos, superando muitas divisões que existem dentro de cada família. Vizinhos falam dos seus problemas e se ajudam na busca de soluções. Grande parte do poder da gangue vinha do fato de que a guerra fragmentou Moravia,

fazendo de cada casa uma fortaleza e presídio, roubando dos moradores a solidariedade e o conselhos dos vizinhos. La Bombonera é um espaço para reconstruir o tecido social.

O Centro de Mediação de Conflitos não criou La Bombonera; a sua criação era um ato espontâneo que surgiu do desejo de jogar futebol durante um breve instante de paz. O que fez o Centro foi *definir o campo como um espaço de paz e mediação*. Têm muitos campo de futebol no mundo, mas poucas Bomboneras – em muitos casos, o campo é cenário de brigas e abusos, e o futebol é símbolo de machismo e exclusão. Os mediadores insistiram que as crianças, as jovens, e as mulheres tinham direito a jogar no campo. Apoiou os juízes na regulação do campo e das torcidas. Capacitou os técnicos no jogo limpo. E criou um ambiente lúdico na Bombonera, propício à paz. Eu passei quase um mês visitando La Bombonera, e a única briga que eu vi não aconteceu no campo, mas atrás de uma televisão, onde os moradores assistiram o "Clássico" entre Medellín y Nacional. Um torcedor bêbado do time que perdeu caminhou pelo campo, procurando brigar, mas ninguém acatou, e ao fim seus amigos chegaram para lhe levar à casa.

O Centro de Mediação de Conflitos também acompanha muitos outros espaços culturais de mediação, desde o costume de fazer feijão ou chocolate quente na rua para os vizinhos, até eventos musicais, reuniões de micro-empresários, restaurantes comunitários, ou protestos políticos. São eventos onde os moradores já são protagonistas, e fizeram pelo seu próprio desejo; o que faz o Centro de Mediação é contextualizar estes eventos como espaços onde as pessoas aprendem a mediar. Igual à pedagogia do desejo, é a cultura e o que as pessoas gostam, que torna-se o educador. O papel do mediador é catalisar este processo e defini-lo como importante.

A *parche*

Na gíria colombiana, a palavra "parche" tem uma série de significados. Uma *parche* é um lugar importante, como a esquina ou o parque onde os jovens encontram-se. A palavra também significa uma galera de pessoas que juntam-se no lugar, sendo estas os *parceiros* ou *parces*. E uma *parche* é um remendo que emenda um tecido ao outro, tapando ou escondendo um buraco.

Nos bairros periféricos, todo mundo conhece o buraco no âmbito social. Olhando o mapa dos serviços básicos que o Estado fornece ao povo – água potável, energia elétrica, esgoto, coleta de lixo – as favelas são um buraco onde os serviços não entram. Em muitos casos, a violência fragmenta a comunidade, deixando buracos no tecido social. Como ensina a experiência do Centro de Mediação de Conflitos, o deslocamento forçado e a falta de segurança abrem um buraco nas formas tradicionais de resolver conflitos. Também podemos falar da brecha entre uma pessoa e o seu desejo ou outros assuntos mais ontológicos ou teológicos, a falta que sente cada ser humano.

A *parche* tenta cobrir este buraco, curar a brecha no tecido social. A *parche* como galera é um remendo que une jovens separados pela fragmentação do bairro, porque oferece um sentido de pertença, amizade, e valores partilhados. Quando a galera arma-se ou começa a delinquir, se transforma em remendo entre a falta material na sua vida e o que eles desejam. Se a *parche* forma parte de uma milícia ou autodefesa, tenta fazer um remendo acima da falta de segurança que existe no bairro. A palavra é importante, porque mostra que as associações violentas têm uma meta de cobrir buracos e unir

brechas: igual como a ideologia de "limpeza social" manipulada pelos paramilitares na Colômbia, a *parche* pretende normalizar o mundo, para que não tenha buracos ou manchas.

A problema com esta prática é que a *parche* (remendo) é uma nova mancha: jamais será igual como o tecido que ela tenta unir: a milícia, por mais que sonhe com um passado onde os velhos exerciam uma autoridade iluminada, não será aquela autoridade. Em muitos casos, a *parche* abre uma nova brecha, na tentativa de fechar outra: a violência das gangues pequenas era o maior motivo para a construção da milícia em Moravia. Mas o mais importante é que a presença do *parche* faz evidente que tem um buraco abaixo: se eu tenho uma *parche* no joelho da calça, podemos confiar que eu rasguei essa calça no passado.¹²

Em pretender solucionar este problema, a *parche* (galera) muda a sua meta.

Originalmente, a *parche* queria mediar entre os dois lados da brecha: ela era o meio. Mas agora, a *parche* em si torna-se o fim do processo. Muitos grupos paramilitares na Colômbia, por exemplo, surgiram para combater aos gangues de delinqüência comum que violentavam os bairros, mas depois da eliminação das gangues, os paramilitares tem que construir novos inimigos para justificar a sua presença: em muitos casos, literalmente criam uma gangue para depois destrui-la. Nas seguintes seções deste ensaio, vou refletir sobre algumas figuras em Medellín que ilustram este problema, especialmente o ganguista que faz tudo para conseguir uma geladeira para a sua mãe.

¹² Aqui, o *parche* tem o mesmo papel que Jacques Derrida dá para o seu conceito do "supplement".

"Sem Futuro"

O importante aqui não são os detalhes do processo, porque poderíamos identificar outros lugares onde a mediação acontece por outros meios: o desenvolvimento de "bases de apoio para crianças e adolescentes" na favela de Santa Marta no Rio de Janeiro ou a música no Alto Zé do Pinho em Recife, Brasil, por exemplo. O que é importante é que na ausência do Estado, o povo tinha que construir diapositivos próprios para construir pontes entre uma pessoa e outra, entre a pessoa e o seu desejo, e entre o presente e o futuro. Cada pessoa e cada comunidade tinha que fazer este trabalho, não esperando que o outro (especialmente o Estado) o fizesse. O processo é igual ao mandamento Hebreu contra ícones: eu faço uma relação com o outro só depois da saída do Grande Outro.

Vemos este processo claramente na figura do "*no futuro*" (sem futuro), chave para entender a ideologia dos sicários, narcotraficantes, e guerrilhas em Medellín. Toño, um pequeno chefe em Medellín, expressou a idéia de sem futuro a Alonso Salazar no seu elogio a um amigo morto: "*Era un gozón tremendo, repetió todos los días que estamos en tiempo extra.*"¹³ Outro ganguista, de Bogotá, falou uma coisa parecida quando afirmou que o sentido da vida era "*Loquear hasta que pueda porque ya se me va a acabar el tiempo.*"¹⁴ Segundo este pensamento, o futuro é um sonho impossível; assim só vale o prazer do dia. A expressão "tempo extra" é muito interessante pensada como no futebol; terminará quando um dos times marca um gol – depois, têm o orgulho da vitória, mas o jogo acabou.

¹³ Salazar, Alonso. *No Nacimos pa' Semilla*. Bogotá, CINEP, 1994 p. 27

¹⁴ Ramos, Leandro. *Formas de violencia urbana populares*. Bogotá: Universidad Nacional (tesis, sociología) 2001, p. 60

Mas o problema realmente não é a ausência do futuro. O ganguista sabe que o futuro existe, e ainda tem alguns sonhos para esse futuro. O problema é que ele não consegue se ver neste futuro.

Vale notar que no discurso do ganguista, o sonho que justifica a sua violência é quase sempre o bem da sua mãe: tanto em livros e filmes como em conversas diretas com os ganguistas, o sonho prototípico é comprar uma nova geladeira para a sua mãe (ou uma casa, uma jóia... depende do contexto da família). Este sonho é, de algum modo, autenticamente altruísta e fundamentado no amor à mãe. Mas também é necessário, porque o jovem ganguista não pode formar parte do seu próprio sonho. "Não me preocupo se eu morro, se a minha mãe tem uma vida melhor." O futuro existe e o ganguista ainda luta para fazer um futuro que ele sonha, mas ele não pode se ver dentro desse futuro, não pode achar a mediação que levaria ele a participar na vida de uma família com uma geladeira.

A geladeira ilustra exactamente o que estou tentando mostrar aqui, porque representa a mediação, tanto com o futuro como com a mãe (a outra pessoa). A geladeira tem o mesmo papel do "céu" ou "Deus" e a *parche*: motiva as minhas ações pela promessa de uma relação verdadeira com meu desejo e o futuro. A geladeira também parece ser uma mediação entre a exclusão da favela e a inclusão prometida pelo consumo de mercancias. Mas na realidade, a geladeira é o que *impossibilita* a mediação. O remendo (*parche*), tentando cobrir ou esconder o buraco embaixo, realmente ocupa o espaço entre os dois lados, fazendo impossível a comunicação ou mediação entre eles.

Amparo, uma construtor de paz do bairro Kennedy, em Medellín, me contou a seguinte história. No seu bairro, o chefe da quadrilha era um tal de Jhonny, um matador e traficante do pior tipo, mas um homem com um afeto sincero e grande pela sua mãe. Comprou uma coisa atrás da outra para ela – roupas e eletrodomésticos e uma casa – e disse que ele sabia que o que ele mesmo fazia não era bom, mas fazia tudo para melhorar a vida da mãe. Amparo conheceu a mãe do Jhonny através da associação de moradores, e começou a falar com ela sobre a vida no bairro, sobre a violência e a justiça e a exclusão. Descobriu que a mãe não gostava das ações do seu filho, mas que não queria criticá-lo, porque achava que assim poderia perder o seu filho. Amparo, também uma mulher de classe popular, consciente que sua vida mudou quando ela leu a autobiografia de Gandhi, presenteou este livro à mãe de Jhonny.

Nas próximas semanas, Amparo e a mãe de Jhonny conversaram sobre o livro, refletindo sobre a possibilidade de lutar contra a violência com a paz e a ética. A mãe de Jhonny acatou que ela era parte do problema, pois receber presentes era o que permitia seu filho seguir na vida injusta de matador e criminoso. Chegou o Dia das Mães, feriado sumamente importante em Medellín, e pela manhã Jhonny veio com um presente especial para a sua mãe: um caríssimo relógio de ouro. A mãe se encheu de coragem e disse, "eu não quero, filho querido. Mas quando me trouxer um presente que tu ganhou com teu próprio suor, será o melhor dia da minha vida."

Jhonny, o grande e duro chefe da gangue, chorou para o bairro escutar. Dentro de sete dias, deixou a sua posição na quadrilha e migrou para o exterior, onde agora é diretor

de um programa de resolução de conflitos para jovens, de onde ele escreve à sua mãe.¹⁵

Jhonny queria que a geladeira – e a casa, a roupa, o carro, e a jóia – fosse o mediador entre ele e o ser que ele mais amava, a sua mãe. Ia ser uma *parche* para juntar os dois lados da brecha mãe-filho. Quando a mãe recebia presentes resultados do seu crime, a mãe também tornava-se corrupta, destruindo a pureza que ele queria defender. Ele não deu-se conta de como estes objetos se tornaram o objetivo da sua luta: a coisa chegou a representar a relação, depois escondeu a relação, e por fim matou a relação. A relação só pode ressuscitar depois que a mãe recusou o presente, insistindo que a fala e o amor sejam os mediadores entre ela e seu filho.

A figura do sem é igual. Realmente, o ganguista tem uma imaginação sobre o futuro, sobre as coisas que ele vai ganhar no roubo, sobre o respeito que ele receberá e as garotas que vão se apaixonarem por ele. Também tem uma ferramenta para mediar entre o seu desejo e o futuro que ele quer: a arma. O problema, novamente, é que esta arma chega a ser uma coisa e não só uma ferramenta – se torna geladeira – e o fim da atividade do ganguista já não é conseguir o futuro com a arma, mas a arma em si é o fim. Deste jeito, vemos que o "sem futuro" é realmente uma transferência do desejo: no começo, o ganguista desejava o futuro, mas agora, o seu desejo é só a continuação do posse e uso da arma.

A geladeira, o que apresentou-se como a condição da possibilidade da mediação com o outro – o outro como mãe e o outro como futuro – resulta ser o inverso: é o que faz

¹⁵ Entrevista com Amparo. no DVD "Sociedad Civil Contra la Violencia – Medellín". Shine a Light, 2006

impossível a mediação.¹⁶ Deus tinha que proibir o ícone para permitir a relação entre os seres humanos, Moravia tinha que reconhecer a impotência do Estado antes de mediar os seus próprios conflitos, e a mãe tinha que recusar a geladeira para possibilitar uma relação verdadeira com seu filho.

Negatividade

É muito fácil condenar a retórica de sem futuro, mas a realidade é mais complicada, o que força-nos a reconhecer que a negatividade pode ter conseqüências boas. Sem futuro *não* é uma negação do futuro, mas uma *negação do presente* fundamentada na coisificação da ferramenta que o ganguista imagina que vai-lhe mediar o futuro. Com esta idéia, podemos começar a desenvolver uma filosofia da história da violência nos bairros periféricos, uma filosofia que reconhece – com Carlos Marx e G.W.F. Hegel – que a História avança pelo lado negativo.

A arma, como meio para conseguir o que eu desejo no futuro, nega o presente. No caso do ganguista, ele torna-se uma arma, negando a sua própria personalidade para roubar, matar, o ser sicário empregado do outro. No processo, nega tanto o que ele era como os sonhos que ele tinha. Por isso, o único sonho que resta é o desejo de conseguir uma geladeira para a mãe. Com os milicianos e autodefesas, algo parecido acontece: "*Cuando uno se mete dentro de una capucha es como si asumiera otra personalidad. Deja de ser lo que uno es, sólo piensa en el terror, en sembrarle miedo al enemigo.*"¹⁷ O capucho e a máscara são essenciais para os grupos de "limpeza social", não tanto para esconder a sua identidade,

¹⁶ veja Zizek, "Neighbor" p. 175

mas para permitir que eles "deixem de ser o que são." O capucho é uma negação. O problema, como reconhece o mesmo membro da autodefesa, é que é impossível voltar a ser o que uma pessoa era depois de assumir o capucho: "*Hay cosas que han salido de las manos. Hay pelados de la autodefensa que han vuelto practicamente sicarios.*"¹⁸ O autodefesa tornou-se o que mais odiava; negou-se.

Porém, o presente que a violência nega é um presente que vale a pena negar: a exclusão, a invisibilidade, a miséria. No meu ensaio sobre masoquismo entre os meninos e meninas de rua,¹⁹ mostrei que o que parece auto-destruição é, realmente, um processo que permite quebrar os laços ideológicos que vincula o menino ao sistema vigente. O masoquista escolhe a sua própria dor e toma responsabilidade por ela, assim mostrando que tem um ator atrás da opressão e afirmando que o vítima é capaz de ser um ator. Igualmente, a negação do presente através da violência deixa ver que a miséria não é essencial no mundo: vem dos atos específicos de pessoas, grupos, e sistemas. A negação, maluca como seja, abre uma brecha que permite ver a opressão.

Já que o ganguista ou miliciano está nesta circunstância, abandonar a arma parece suicídio, mas resulta que a negação da negação original é o que permite um avance na história da favela. Quando a mãe de Jhonny fez que ele visse que a "geladeira" (casa, roupa, jóias) não ia funcionar para construir uma relação com ela, ela negou a vida que ele tinha escolhido para sair da miséria e exclusão. Mas esta "negação da negação" era muito mais que uma volta. Pela primeira vez, forçou Jhonny a ter uma relação

¹⁷ "Cuando una persona mete-se dentro do capucho, é como assumir outro personalidade. Deixa de pensar o que é, e só pensa no terror, em dar medo ao inimigo..Salazar, 84

¹⁸ As coisas saíram de controle. Tem justiceiros que agora não são mais que matadores por aluguel. Salazar, 95

¹⁹ "Rua da Agonia." Nos "Artigos para entender a rua" de www.shinealight.org.

verdadeira com a sua mãe, não com a mãe que ele imaginava ou com as coisas que ele imaginava que ela gostava. Na história do bairro, esta transformação era o primeiro passo num caminho à paz.

Quando conheci o presidente da associação de moradores de Moravia – uma posição importante e poderosa dentro da estrutura política colombiana – fiquei preocupado. Alejandro Giraldo, o presidente, é simpático, engraçado, um líder com carisma e um forte sentido de justiça; mas também tinha sido o chefe da milícia no bairro, e interpretei o seu protagonismo na comunidade como mostra de que Moravia ainda não tinha superado sua história de violência. Depois, soube que vários outros líderes comunitários também tinham atuado nas gangues, na milícia, e nas autodefesas.

Depois de um tempo em Moravia, me dei conta que o poder político no bairro não era o que eu pensava ser. A realidade refletia muito mais a lógica da "negação da negação" que estou examinando aqui. "Nós, o ex-combatentes," me explicou Alejandro "temos a responsabilidade de ressarcir o que a gente fez."²⁰ Este frase não queria dizer que ele pensava que a atuação da milícia havia sido um erro, já que seguiu insistindo que era a única maneira de defender o bairro contra as depredações das gangues. O que queria dizer é que para conseguir o futuro que queria, ele tinha que queimar a ponte que estava usando para cruzar aonde ele queria estar. A milícia fez a paz com a comunidade e com a prefeitura e sumiu como ator político. Com a negação da violência, ele e outros ex-combatentes podiam entrar à administração, junto com os mediadores e construtores de paz, que tinham feito tanto para eliminar a milícia.

²⁰ Entrevista, 14 Fevereiro, 2005

Moravia é um bairro bem sucedido porque os atores – tanto armados com civis – não fizeram um fetiche do meio que eles tinham criado para avançar ao futuro. De algum jeito, o Centro de Mediação de Conflitos era uma *parche*: era um espaço onde os jovens podiam se reunir e um dispositivo para emendar o tecido social. Mas esta *parche* jamais tornou-se uma meta em si, jamais se transformou em geladeira. Sempre entendeu-se como uma solução provisória e contingente, algo que não ia durar para sempre. O mais importante não era a *parche*, mas ensinar a comunidade como tecer novas *parches* e como jogá-las fora quando já não eram necessárias.

O pensamento ontológico que desenvolvemos aqui é importante porque ensina que o mundo é um "não todo",²¹ que as brechas básicas no tecido do ser são intrínsecas à experiência humana. Muitas pessoas poderiam interpretar esta lição como niilismo ou pessimismo, dizendo: "então melhor não fazer nada, ficar quieto e conformá-me com a injustiça do mundo, mas a lição de Moravia é exatamente o contrário. Hoje, de todos os bairros que eu conheço no mundo, Moravia é o mais interessante, desafiante, e fascinante. É um lugar onde pessoas desconhecidas, de muitas raças, cumprimentam-se na rua; onde vizinhos juntam-se para cozinhar feijoada na rua; onde pode-se encontrar um concerto informal de vallenato ou regaettón em qualquer momento. Também é um bairro onde um visitante pode ter uma conversa sobre filosofia, política, ou moda com alguém que acaba de conhecer, e onde pessoas sabem mediar entre o que elas são e o que querem ser. É um ambiente de energia, humor, e sonho.

²¹ No pensamento Lacaniano, a idéia do "Pas tout" ou "não todo" é fundamental para evitar o perigo de uma ontologia totalizante.

A processo de fazer uma *parche* e depois retirá-la, de passar pela negação e a negação da negação, foi fundamental na construção da Moravia atual. Ainda agora a vida da favela é cheia de buracos e brechas, mas a sua história violenta ensinou ao povo como enfrentar o problema, como mediar.

Conclusões

Esta reflexão não oferece uma solução fácil. O ser humano sempre está procurando a mediação com o outro, com o desejo, e com o futuro. A *parche* parece uma boa solução: por um tempo, Deus era bom motivo para se relacionar justamente com o outro, mas Moisés deu-se conta que o processo impossibilitava a relação social entre os Hebreus. Por um tempo, o Estado funcionou para mediar entre pessoas, mas agora pode impedir a relação social, quando cada pessoa procura a solução na polícia ou nos tribunais em vez de falar com o vizinho. E por um tempo, Jhonny ganhou uma relação com a sua mãe através do presente: mas depois de um tempo, o presente tornou-se corrupto.

O problema, em grande parte, acontece quando uma solução calcifica-se, quando torna-se uma instituição da qual a gente depende. O processo de mediação não é uma coisa, mas um processo, e cada pessoa tem que fazer o esforço para realizar o processo; e depois, terá que fazer outro processo para fazer a mesma coisa. Do mesmo jeito que Che e Trotsky sabiam que a revolução tinha que ser permanente, e que Jefferson falou que o povo precisava de uma nova revolução cada vinte anos, como um "sopro de ar novo", as relações de mediação tem que revolucionar-se regularmente. O *parche* é só um

parche: não resolve a falta básica do ser humano, a brecha entre o desejo e a realidade, entre o eu e o outro, e quando acharmos que o nosso *parche* solucionou para sempre o problema, saberemos que o *parche* agora é o problema.